

A Mulher Contabilista nas Publicações Acadêmicas Brasileiras

CÍNTIA DO NASCIMENTO SILVA

Universidade de São Paulo

MARCIELLE ANZILAGO

Universidade Federal do Paraná

ANGELA CHRISTINA LUCAS

Universidade de São Paulo

Resumo

Este estudo tem como objetivo investigar o perfil das publicações em periódicos brasileiros sobre gênero no campo da contabilidade, em particular, aquelas em que as questões de gênero compreendem o contexto das mulheres estudadas. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa bibliométrica, sem recorte temporal, em 40 periódicos nacionais da área contábil classificados pela CAPES com Qualis de A1 a C. Os dados foram coletados diretamente nos sítios dos periódicos. Na análise dos dados utilizou-se da análise descritiva. Os resultados demonstram que há poucas publicações sobre gênero na área contábil, concentradas entre os anos de 2011 e 2012 e que as mulheres representam 67% das autorias. Conclui-se que a investigação sobre gênero na contabilidade ainda não é suficiente, porém os estudos levantados representam uma importante introdução dessa problemática na academia contábil brasileira, questionando e não aceitando as desigualdades associadas às noções de gênero em termos de competência, de empenho, de prática e até do que é ser contabilista, como forma de quebrar o ciclo de perpetuação dessas noções e do desequilíbrio de poder. Os resultados sinalizam uma lacuna na literatura e apontam para a fertilidade e urgência do tema em termos de oportunidade de pesquisa.

Palavras chave: Gênero, Mulher, Contabilidade, Feminino, Bibliometria.

1 Introdução

De acordo com o Conselho Federal de Contabilidade (CFC), as mulheres representam 41% dos profissionais de contabilidade no Brasil (CFC, 2014). Dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) demonstram que 59% dos estudantes de Ciências Contábeis são do sexo feminino (ENADE, 2012). Embora as mulheres estejam ocupando novos e promissores espaços de trabalho, as desigualdades de gênero continuam a existir.

Como indicadores, podem-se ressaltar o reduzido número de mulheres nos governos e nos cargos estratégicos das organizações e a diferença de remuneração mesmo com nível maior de instrução (Ferreira, 2013). Na esfera privada, as desigualdades permanecem com desequilíbrio na distribuição das responsabilidades domésticas e cuidado com os filhos. Sendo que em alguns locais o cenário é pior: mulheres continuam a lutar contra a pobreza, a guerra, a exploração sexual, tentando sobreviver e criar os filhos (Equalities Review Panel, 2007; Haynes, 2008).

Derivado dos papéis sociais, o conceito de gênero foi desenvolvido na segunda onda feminista para revelar a existência de diferenças na construção histórica, social e política de homens e mulheres (Ely & Padavic, 2007; Matos, 2008). A existência dessas diferenças tem sido amplamente discutida e difundida por organismos internacionais como o Banco Mundial (2006); Nações Unidas (2007) e UNICEF (2011). O movimento feminista ficou conhecido por *The Gender Equality*, o qual se refere à visão de que homens e mulheres devem receber tratamento igualitário e não devem ser discriminados em razão do gênero, a menos que haja questões biológicas como razão para tratamento diferenciado (Nascimento & Alves, 2014).

A história de trabalho das mulheres no Brasil não é recente, porém apenas em 1968 o Código Civil brasileiro permitiu à mulher o trabalho sem o prévio consentimento do marido impactando uma série de transformações em relação ao trabalho feminino (Priore, 2013). Já nos anos de 1970 verificou-se o aumento da participação das mulheres no mercado formal de trabalho, segundo Pedro (2005), “o trabalho era apenas uma fadiga a mais” para as mulheres de baixa renda, enquanto para as demais era uma conquista. Dessa forma, observa-se que a questão do trabalho para a mulher como carreira é muito recente.

As mulheres têm buscado se desvincular da postura de fragilidade para enfrentar um mercado de trabalho formal cada vez mais competitivo (Bordin & Londero, 2006). Houve um aumento significativo da presença feminina em profissões culturalmente tidas como masculinas, todavia, nem sempre acompanhado da possibilidade da ascensão feminina aos cargos de maior nível hierárquico (Nascimento & Alves, 2014).

Especificamente na área de contabilidade, a presença feminina é relevante e tende a crescer, dado o grande número de estudantes mulheres em formação. Porém, como afirma Casa Nova (2012), a presença feminina em contabilidade no Brasil tem sido pouco explorada e os fenômenos como *critical mass*, *role model*, *glass ceiling* ou *pipeline* podem estar presentes e uma possibilidade de modificar o quadro é conscientização e a instituição de políticas de apoio à classe.

A presente pesquisa tem por objetivo investigar qual o perfil das publicações em periódicos brasileiros sobre gênero, especificamente no que tange à participação das mulheres dentro do campo da contabilidade.

Para atingir tal objetivo, realizou-se um levantamento bibliométrico em 40 periódicos nacionais da área de contábil cuja classificação da Capes está entre Qualis A1 e C, sendo o Qualis o procedimento utilizado pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos periódicos, realizado pelas áreas de avaliação e atualizado anualmente. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade, sendo A1 o mais elevado e C com peso zero (CAPES, 2014).

O artigo está estruturado em três seções, além da introdução. A primeira seção aborda o referencial teórico no qual se apresenta o contexto da mulher na área contábil e as relações de gênero. Na segunda seção serão abordadas a metodologia e a coleta de dados. Na terceira seção, a análise dos resultados e as considerações finais. Por fim, são apresentadas as referências utilizadas nesta pesquisa.

2 Fundamentação Teórica

Nesta seção apresentam-se os aspectos que respaldaram teoricamente este estudo. Primeiramente expõem-se gênero e suas implicações teóricas, na sequência, participação da mulher na área contábil.

2.1 Gênero nas Empresas

Segundo Strey (1998), o gênero é uma construção social baseada nas interpretações culturais que cada sociedade realiza em torno do que significa ser homem e do que significa ser mulher. Para Scott (1986, p. 1067) o gênero é uma construção social também, porém é estabelecido a partir das relações sociais construídas a partir das diferenças percebidas entre os sexos. Dessa forma, gênero não tem o mesmo conceito de sexo, que está relacionado à biologia (Louro, 1996).

Embora a discussão sobre gênero em outras áreas da ciência ocorra há muito tempo, as primeiras publicações na contabilidade ocorreram em 1992 com iniciativa das revistas *Accounting, Organizations and Society (AOS)* e *Auditing, Accounting & Accountability Journal (AA&AJ)*. Os artigos publicados versavam sobre as dificuldades das mulheres ao acesso à profissão, demonstrando os entraves à certificação das suas competências e conhecimentos; a relação entre a feminização da contabilidade e as dificuldades que isto traria à validação social da profissão; a dificuldade da mulher ser aceita como contabilista e a facilidade em se ser escriturária e, por fim, abordavam a importância do gênero no cerne da investigação da contabilidade (Khalifa & Kirkham, 2009).

Lehman (2012) afirma que as mulheres percorreram um grande caminho nas publicações de uma edição especial da AA&AJ. Ainda conforme o autor, muitos estudos foram feitos desde então, mas ainda há muito caminho a ser percorrido até que a transformação pretendida seja uma realidade. Outras edições especiais foram lançadas, nomeadamente uma da *Critical Perspectives on Accounting* em 1998, e as edições de 2000, a *“Accounting at home”* e de 2008 *“Accounting and gender revisited”* do periódico AA&AJ.

Dambrin e Lambert (2012) fizeram uma busca em periódicos publicados na língua inglesa nas áreas de contabilidade (16 *journals*), organizações (6 *journals*) e feminismos (2 *journals*) com o objetivo de mapear os artigos que relacionavam mulheres e contabilidade. Primeiramente as autoras concluíram que as publicações versavam sobre alguns assuntos agrupados como: exclusão das mulheres em posições de prestígio, história da contabilidade que marginaliza a mulher, análise de várias minorias e mulheres fora do “reino; na sequência, as pesquisadoras concentraram a análise nas publicações que versavam sobre exclusão das mulheres em posições de prestígio, afirmando haver duas perspectivas que explicam a raridade das mulheres: a chamada *“pseudo-neutral perspectives”*, cujas explicações voltam-se para as próprias mulheres; e a chamada *“comprehensive perspectives”*, cujas explicações estão vinculadas a fatores externos às mulheres (Dambrin & Lambert, 2012).

Pelas perspectivas classificadas como *“pseudo-neutral”*, as justificativas estão relacionadas ao problema de tempo, ou seja, a mulher entrou no mercado de trabalho recentemente ou aos atributos relacionados às mulheres. Em relação à justificativa do tempo, as diferenças nas carreiras de homens e mulheres não aconteceriam pela discriminação, mas sim, como ironizam as autoras, em função das dificuldades similares àquelas enfrentadas por

imigrantes que chegam a uma terra estranha dominada por outro grupo. Outra vertente justifica a ausência das mulheres em posições de prestígio pelos atributos inerentes ao sexo feminino, tais como diferenças de conhecimento, motivação e personalidade, além de diferenças de percepção de profissão e escolhas relacionadas à satisfação no trabalho. Essa perspectiva leva ao desengajamento da mulher, normalmente vinculado à escolha de vida centrada na família. As autoras observam que a escolha não é totalmente livre, pois há arranjos sociais pré-estruturados com forte pressão social e desigual responsabilidade nos trabalhos domésticos (Dambrin & Lambert, 2012).

Diferentemente, as perspectivas classificadas como “*comprehensive*” apresentam duas justificativas para a baixa presença feminina em cargos de prestígio: (1) os trabalhos são para os homens, a mulher, embora estude muito, é excluída da aquisição de conhecimento organizacional por causa do clube dos homens (eventos sociais, golfe, encontros no bar, por exemplo); (2) o discurso de que homens são gestores e mulheres são mães, visão presente na sociedade. Dessa forma, há conflito entre as expectativas sociais e organizacionais sobre o papel da mulher: se age de acordo com o estereótipo feminino, é criticada por priorizar a família e, se adota comportamentos dominantes, é criticada e avaliada negativamente (Dambrin & Lambert, 2012).

A questão da raridade das mulheres em cargos de prestígio vem sendo estudada em outras áreas de conhecimento e as teorias oriundas estão sendo incorporadas às pesquisas relacionadas à mulher na contabilidade, como a *Critical Mass*, *Role Model* e Teto de Vidro.

A Teoria *Critical Mass*, conforme Kanter (1977; 1987) e Granovetter (1978), sugere que a natureza das interações do grupo depende de seu tamanho e do tamanho de seus subgrupos. Quando um subgrupo atinge um limite, ou seja, uma massa crítica, o grau de influência do subgrupo aumenta. No caso das mulheres, quando o grupo atingir uma massa crítica, haverá uma alteração qualitativa na natureza das interações do grupo.

A teoria *Role Model* afirma que as pessoas são mais propensas a escolher carreiras em que podem identificar um modelo no plano de carreira (carreiras femininas e masculinas). Essa teoria tem sido expandida para um modelo de referência de classe social, sendo mais eficaz porque as pessoas se relacionam com esses grupos de referência de classe quando percebem o mundo do trabalho e avaliam suas escolhas de carreira (Buck; Clark; Leslie-Pelecky; Lu; Cerda-Lizarraga, 2008).

Entre as manifestações da segregação de gênero no mercado de trabalho está a segregação hierárquica, conhecido na literatura como Teto de Vidro (*Glass Ceiling*), termo cunhado em 1986 pelos jornalistas do *Wall Street Journal* para demonstrar a dificuldade de progressão de carreira das mulheres, resultando em uma sub-representação nos cargos estratégicos e conseqüentemente, nas decisões (Weyer, 2007; Nascimento & Alves, 2014). Porém, para Lupu (2012), a metáfora do Teto de Vidro remete a um obstáculo único e não explica o fato das mulheres se concentrarem em setores menos estratégicos para a organização.

Nas pesquisas mais recentes, tem se usado outras metáforas como “Labirinto” para demonstrar que há desafios complexos e sutis, mas a persistência e o trabalho árduo podem resultar no crescimento profissional (Ragins & Winkel, 2011; Lupu, 2012) ou *Firewall* (dispositivo computacional de segurança) sugerindo que os homens no topo da hierarquia controlam quem entra ou não no sistema e no caso de haver invasão, o “estranho” é considerado hostil pelo sistema (Bendl & Schmidt, 2010).

Essas metáforas podem explicar porque os homens tendem a seguir uma carreira linear dentro da mesma empresa, enquanto as mulheres adotam mais carreiras não tradicionais, com mudanças e interrupções, tanto nos Estados Unidos (Valcour & Tolbert, 2003) e Canadá (Chenevert & Tremblay, 2002), quanto no Peru (Dolan; Bejarano; Tzafirir, 2011).

Gênero, sendo uma construção social e baseada nas relações estabelecidas dentro de um contexto específico, é estudado na área contábil a partir de teorias de gênero nas organizações, porém, a partir das especificidades da profissão, como será analisado na próxima subseção.

2.2 Participação da mulher na área contábil

As mulheres representam 41% dos profissionais habilitados na área da Contabilidade, ao todo, são cerca de 201.367 mil mulheres contabilistas em atividade (CFC, 2014). Além disso, elas são 27.754 mil estudantes nos cursos de graduação em ciências contábeis, frente a 19.287 mil estudantes homens (ENADE, 2012). Essas estudantes, após formação e certificação, possivelmente elevarão a participação feminina na área. Dessa maneira, as mulheres ocupam quase metade das vagas em contabilidade e a tendência é que se igualem aos homens no setor em termos de participação numérica nos próximos anos.

Especialistas afirmam que o crescimento da atuação feminina no ramo de contabilidade deve-se a uma série de fatores, como o acesso à educação e também às possibilidades que a carreira pode oferecer aos graduados na área, com vagas tanto no serviço público quanto no setor privado (Mota & Souza, 2013). Em pesquisa realizada na Suécia e Finlândia, Ittonen, Vähämaa e Vähämaa (2013) concluíram que as mulheres contabilistas são vistas como mais conservadoras, com maior aversão ao risco, mais cumpridoras de regras e regulamentos tributários e financeiros e são menos influenciadas por explicações não confirmadas dos clientes.

De acordo com Ferreira (2013), o setor de contabilidade no Brasil já possuía um número expressivo de funcionárias atuantes, mas alocadas em trabalhos de escritório, um dos motivos da mulher sair para o mercado de trabalho foi a necessidade de ajudar no orçamento familiar, o que impulsionou a procura por postos de liderança.

Os entraves com os quais as mulheres contabilistas lidam começam com a falta de reconhecimento ou de valorização das suas reais capacidades, passam por dificuldades de progressão na carreira até os níveis hierárquicos mais elevados e vão até problemas de ordem física e psicológica (Haynes, 2008; Kamla, 2012). Gammie e Whiting (2013), em pesquisa no Reino Unido, detectaram que as mulheres normalmente saem dos seus empregos em busca de trabalhos mais interessantes e maior flexibilidade e, embora a profissão contábil tenha maior número de mulheres naquele país, as empresas são inábeis na promoção das mulheres, que são normalmente marginalizadas em funções de secretariado, escritório e escrituração. Os autores constataram que longas horas de trabalho, necessidade de disponibilidade constante para clientes e incapacidade de valorizar o trabalho flexível são reclamações comuns (Gammie & Whiting, 2013).

A mulher contabilista enfrenta o mesmo problema que a maioria das mulheres no mundo corporativo: as diferenças salariais com relação aos homens (Ferreira, 2013). Segundo levantamento feito pelo SalárioBR, site de serviço de pesquisa de cargos e salários, um analista de contabilidade homem com quatro a seis anos de experiência no setor ganha R\$ 4.067,47; 5,63% a mais do que um do sexo feminino, já na posição de gerente de contabilidade, os homens recebem em média R\$ 9.853,74, cerca de 1,54% a mais do que uma funcionária mulher no mesmo cargo e com a mesma experiência.

Como visto, os desafios enfrentados pelas mulheres, especialmente no ambiente corporativo, tem sido tema de muitas pesquisas, especialmente internacionais, porém, a investigação sobre gênero na contabilidade ainda não é suficiente (Khalifa & Kirkham, 2009; Lehman, 2012). Por isso, a importância da introdução explícita dessa problemática nos estudos contábeis, questionando noções sexistas de competência, de empenho, de prática e até do que é ser contabilista, como forma de quebrar o ciclo de perpetuação dessas noções e do desequilíbrio de poder (Khalifa & Kirkham, 2009).

3 Metodologia

As pesquisas feministas, segundo Thurlow, Mills e Mills (2006), desafiam o modelo de pesquisa positivista por buscarem conscientemente uma agenda de mudanças. Assim como o movimento feminista, as pesquisas feministas são socialmente engajadas e buscam implicações práticas que melhorem a vida das mulheres e avancem nas questões de justiça revelando relações de poder, dinâmicas e regras tácitas (Brisolara, 2003; Harding & Norberg, 2005).

Ao longo dos anos, conforme o desenvolvimento e crescimento do movimento feminista, os pesquisadores começaram a expandir os temas, utilizar novas abordagens e agregar perspectivas de mulheres de diferentes classes sociais, raça, cor e etnia, profissões, religiões e lugares (Thomas & Davies, 2005; Irigaray & Vergara, 2009; Olsen, 2010). Neste sentido, as diferentes maneiras envolvidas em ser uma mulher ou um homem só podem ser compreendidas dentro de um determinado contexto e em uma interface que contém as outras categorias que podem ser relevantes para a construção de subjetividade (Carrieri *et al*, 2013).

A partir de uma perspectiva feminista, buscou-se a identificação das pesquisas sobre gêneros envolvidos no campo da Contabilidade, em particular, aquelas em que as questões de gênero compreendessem o contexto das mulheres estudadas. Para isso, realizou-se um estudo bibliométrico.

Esta pesquisa classifica-se em relação aos objetivos como descritiva desenvolvida por meio do monitoramento de dados obtidos a partir de um recorte longitudinal por tempo indeterminado. A pesquisa descritiva, segundo Gil (1996), tem como objetivo descrever as características de uma determinada população. Uma pesquisa bibliométrica, segundo Machias-Chapula (1998), está orientada para o estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada.

As publicações nacionais foram selecionadas em periódicos de contabilidade com Qualis entre A1 e C, que representam a estratificação da qualidade da produção intelectual dos periódicos realizada pela CAPES, como já mencionado anteriormente (CAPES, 2014). Para a pesquisa segregou-se os periódicos de contabilidade da área 27 que compreende as áreas de Administração, Contabilidade e Turismo, perfazendo um total de 40 periódicos demonstrados na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1. Periódicos de contabilidade

Periódicos	Qualis
Revista Contabilidade e Finanças; <i>Brazilian Business Review</i> – BBR	A2
Contabilidade Vista e Revista; BASE; Revista Contemporânea de Contabilidade; Revista Universo Contábil; Revista Brasileira de Gestão de Negócios; Revista de Contabilidade e Organizações; REAVI - Revista Eletrônica do Alto Vale do Itajaí	B1
Contabilidade, Gestão e Governança; Contextus; Enfoque: Reflexão Contábil; Sociedade, Contabilidade e Gestão; Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade - REPEC; <i>Advances in Scientific and Applied Accounting</i> ; RACE: Revista de Administração, Contabilidade e Economia; Revista Ambiente Contábil	B2
Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ; Revista de Informação Contábil; Revista de Contabilidade e Controladoria; Pensar Contábil; ConTexto; RACEF - Revista de Administração, Contabilidade e Economia da FUNDACE; Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade; Revista da Micro e Pequena Empresa (FACCAMP); Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas; Revista de Tecnologia Aplicada	B3
Revista de Contabilidade da UFBA; Revista Catarinense da Ciência Contábil; ABCustos; Revista de Estudos Contábeis; Reunir: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade	B4

Revista Brasileira de Contabilidade; CAP <i>Accounting and Management</i> ; Revista de Administração e Contabilidade da FAT; Revista Razão Contábil & Finanças	B5
Revista Eletrônica de Contabilidade; Revista de Ciências Contábeis	C
Revista Evidenciação Contábil e Finanças	Não identificado

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os dados foram coletados sem restrição de período e a coleta seguiu os seguintes passos:

(a) Identificação dos sítios dos periódicos de contabilidade, dentro da classificação da Área 27 da Capes.

(b) Nos sítios de cada periódico, buscaram-se os artigos que contivessem as palavras: gênero, feminino, feminina, masculino, mulher e homem nos campos resumo, título e palavras-chaves.

Como resultado da busca descrita acima, chegou-se a uma lista de 229 artigos, dos quais 14 eram em duplicidades. Os demais 215 artigos tiveram seus títulos e resumos analisados pelas autoras resultando em uma lista final de quatro artigos dentro do escopo da pesquisa. Dos 211 artigos eliminados, 27 utilizavam o feminino apenas como variável; sete abordavam gênero em áreas diferentes da contabilidade, como empreendedorismo, por exemplo.

4 Análise e Discussão dos Dados

Após a análise minuciosa dos artigos encontrados, foram encontrados quatro artigos que abordavam gênero na contabilidade com os objetivos do estudo. Esses artigos foram publicados entre 2011 e 2012, demonstrados na Tabela 2.

Tabela 2. Relação de artigos que abordam gênero e contabilidade

Título do Artigo	Ano	Autores e Autoras
Impactos de Mestrados Especiais em Contabilidade na Trajetória de seus Egressos: Um Olhar Especial para Gênero	2012	Casa Nova, S.P.C.
A Cultura Organizacional Contábil: Método Quinn e sua Influência na Inserção Profissional da Mulher	2011	Kulevicz, R.A.; Souza, E.C.; Dauzaker, N.
Associação de Modelos de Sucesso Profissional e Gênero entre Graduandos de Ciências Contábeis	2011	De Luca, M.M.M; Cornachione Jr., E.B.; Cunha, J.V.A.; Ott, E.
Participação feminina na produção científica em contabilidade publicada nos anais dos eventos ENANPAD, Congresso USP de Controladoria e Contabilidade e Congresso ANPCONT	2011	De Luca, M.M.M; Gomes, C.A.S.; Corrêa, D.M.M.C.; Domingos, S.R.M.

Fonte: Elaborado pelas autoras

É possível notar, conforme os dados da Tabela 2, que a inclusão da temática de gênero nas pesquisas contábeis é bastante recente e pouco expressiva. Quanto ao número de autores por artigos, tem-se que dois foram elaborados por quatro autores, um contou com o trabalho de três autores e um artigo, com apenas uma autora. A pesquisadora e professora Dr^a Márcia Martins Mendes De Luca é a única autora com recorrência de publicação, tendo dois trabalhos sobre o assunto. Na Tabela 3 apresentam-se os autores e as instituições a que estão vinculados:

Tabela 3: Relações de autores, número de publicação e instituição de vínculo.

Autores	Nº Artigos/ Autoria	Instituição de vínculo dos autores
Márcia Martins Mendes De Luca	2, primeira autora	Universidade Federal do Ceará, UFC
Rosane Aparecida Kulevicz	1, primeira autora	Universidade Federal do Mato Grosso, UFMT
Silvia Pereira de Castro Casa Nova	1, primeira autora	Universidade de São Paulo, USP
Carlos Adriano Santos Gomes	1, coautoria	Universidade Federal do Ceará, UFC
Denise Maria Moreira Chagas Corrêa	1, coautoria	Universidade Federal do Ceará, UFC
Edgard Bruno Cornachione Junior	1, coautoria	Universidade de São Paulo, USP
Edila Cristina de Souza	1, coautoria	Universidade Federal do Mato Grosso, UFMT
Ernani Ott	1, coautoria	Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS
Jacqueline Veneroso Alves da Cunha	1, coautoria	Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG
Nilson Dauzaker	1, coautoria	Universidade Federal do Mato Grosso, UFMT
Sylvia Rejane Magalhães Domingos	1, coautoria	Universidade Federal do Ceará, UFC

Fonte: Elaborado pelas autoras

Observa-se, a partir da Tabela 3, que a participação feminina nas publicações representa 67% das autorias. No âmbito das instituições a que esses autores e autoras estão vinculados, nota-se que a Universidade Federal do Ceará (UFC) tem a maior concentração de trabalhos com 4 autores e 2 publicações, seguida pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) com 3 autores e uma publicação. A Universidade de São Paulo (USP) apresentou uma publicação e dois autores, enquanto as demais instituições, Universidade do Vale dos Sinos, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresentaram um artigo e um autor, cada uma.

A distribuição de autores por instituição é demonstrada na Tabela 4.

Tabela 4: Autores por instituição

Nº de Autores	Instituição de vínculo
4	Universidade Federal do Ceará, UFC
3	Universidade Federal do Mato Grosso, UFMT
2	Universidade de São Paulo, USP
1	Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS
1	Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG

Fonte: Elaborado pelas autoras

Observa-se na Tabela 4, que os autores que publicam sobre gênero no Brasil estão concentrados em universidades principalmente públicas. E os estados do Ceará e do Mato Grosso concentram esses pesquisadores.

Em relação à qualidade das revistas, não houve artigos publicados em periódicos com estratos mais elevados dentro do enquadramento Qualis da CAPES, ou seja, aquelas avaliadas com nota A. As publicações estão distribuídas detalhadamente na Tabela 5 a seguir:

Tabela 5. Publicações estratos Capes

Revista	Qualis
Revista de Contabilidade e Organizações	B1
Advances in Scientific and Applied Accounting	B2
Revista de Contabilidade e Controladoria	B3
Revista de Ciências Contábeis	C

Fonte: Elaborado pelas autoras

Observa-se na Tabela 5, que as publicações sobre gênero em contabilidade ocorreram principalmente em periódicos classificados em Qualis B e a publicação mais elevada atinge o Qualis B1, tendo uma publicação em um periódico de Qualis C, uma possível explicação para a publicação de nível C refere-se à atualização anual elaborada pela Capes nos periódicos.

5 Considerações Finais

Esta pesquisa buscou identificar o perfil das publicações contábeis brasileiras sobre contabilidade e gênero, nas quais esse último tópico fosse abordado com profundidade, compreendendo o contexto das mulheres estudadas. Para isso, foi realizado um levantamento bibliométrico nas revistas nacionais da área contábil e, embora não tenha sido estabelecido um corte temporal, apenas quatro artigos compuseram a base final da análise.

O baixo número de artigos selecionados, dentre uma busca que retornou 215 trabalhos, bem como os 27 artigos eliminados porque travam o feminino como apenas uma variável, indica que o tema ainda é bastante novo na academia contábil brasileira e representa um campo a ser explorado.

Esses artigos foram publicados principalmente por mulheres (67% da autoria), com trabalhos elaborados por 3 ou 4 autores, principalmente e as publicações foram realizadas em revistas com Qualis entre B1 e C. Esse cenário de ausência de publicações em revistas com Qualis mais elevados pode ser um indicativo da marginalidade do assunto dentro das Ciências Contábeis brasileiras, seja em função da recente dedicação de pesquisadores brasileiros ao tema dentro da contabilidade, seja em função das metodologias de pesquisa demandas pelos problemas que essas pesquisas procuram responder, as quais costumam envolver abordagens qualitativas com perspectivas da realidade mais voltadas ao construtivismo e ao interpretativismo, fora do positivismo, que é o *mainstream* das revistas da área avaliadas com Qualis superiores. Verificou-se também que também nas publicações internacionais o tema é recente e pouco explorado (Dambrin & Lambert, 2012)

Esses estudos mostram que as capacidades intelectuais femininas não são razão de impedimento de acesso à profissão de contábil e, dado que atualmente as mulheres possuem um número significativo na área (CFC, 2014) podendo igualar-se ou até mesmo ultrapassar o gênero masculino na profissão num futuro próximo, de acordo com os números do ENADE, faz-se importante reconhecer os problemas e desafios de gênero postos às mulheres, estudá-los e propor caminhos de solução. Dessa forma, os estudos sobre gênero na área devem continuar a ser um assunto substantivo para a comunidade acadêmica contábil, pois a mesma também sente os efeitos.

Conclui-se assim que a investigação sobre gênero na contabilidade é recente, em volume pequeno de publicações, mas não estagnada. Os estudos representam uma importante introdução da problemática, questionando e não aceitando às desigualdades associadas às noções de gênero em termos de competência, de empenho, de prática e até do que é ser

contabilista, como forma de quebrar o ciclo de perpetuação dessas noções e do desequilíbrio de poder.

Assim, como sugestão de pesquisa futura, sugere-se o estudo das trajetórias dessas publicações entendendo com seus autores e autoras seus motivadores para a pesquisa, os critérios para a seleção das revistas e o entendimento do processo de publicação, desde a submissão até o aceite do texto final. Outra sugestão de pesquisa seria realizar um estudo bibliométrico sobre as publicações dos principais congressos de contabilidade no Brasil, visto que muitos autores e autoras não submetem seus artigos para periódicos, e até mesmo expandir para todos os periódicos da área de administração, contabilidade e turismo.

6 Referências

Banco Mundial. (2006, set.). *Igualdade de Gênero como Economia Inteligente: um Plano de Ação de Gênero do Banco Mundial Exercícios 2007-2010*.

Bendl, R., & Schmidt, A. (2010). From ‘Glass Ceilings’ to ‘Firewalls’—different metaphors for describing discrimination. *Gender, Work & Organization*, 17(5), 612-634.

Bordin, P. & Londero, R. I. (2006). *Atividade Contábil Exercida pela Mulher em Santa Maria - RS*. Santa Maria, 2006. Recuperado em 10 fev. 2015: <http://sites.unifra.br/Portals/36/SA/2006/AtividadeContabil.pdf>.

Brisolara, S. (2003). Invited reaction: Feminist inquiry, frameworks, feminisms, and other “F” words. *Human Resource Development Quarterly*, 14(1), 27-34.

Buck, G. A.; Clark, V. L. P.; Leslie-Pelecky, D.; Lu, Y.; Cerda-Lizarraga, P. (2008). Examining the cognitive processes used by adolescent girls and women scientists in identifying science role models: A feminist approach. *Science Education*, v. 92, n.4, p. 688–707.

Carrieri, A. D. P., Diniz, A. P. R., Souza, E. M. D., & Menezes, R. S. S. (2013). Gender and work: representations of femininities and masculinities in the view of women brazilian executives. *BAR-Brazilian Administration Review*, 10(3), 281-303.

Casa Nova, S. P. C. (2012). Impactos de Mestrados Especiais em Contabilidade na trajetória de seus egressos: um olhar especial para gênero. *Revista Contabilidade e Controladoria-RC&C*. v. 4, n. 3, p. 37-62.

Chênevert, D., & Tremblay, M. (2002). Managerial career success in Canadian organizations: is gender a determinant?. *International Journal of Human Resource Management*, 13(6), 920-941.

Cordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior, CAPES. (2014, abril). *Classificação da produção intelectual: Qualis-Periódicos*. Recuperado em 05 fevereiro 2015. <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>>.

Conselho Federal de Contabilidade, CFC. (2014). Mulher Contabilista. Recuperado em 05 fevereiro 2015. < http://www.portalcfc.org.br/projetos/mulher_contabilista/>.

Dambrin, C., & Lambert, C. (2012). Who is she and who are we? A reflexive journey in research into the rarity of women in the highest ranks of accountancy. *Critical Perspectives on Accounting*, 23(1), 1-16.

Dolan, S. L., Bejarano, A., & Tzafirir, S. (2011). Exploring the moderating effect of gender in the relationship between individuals' aspirations and career success among engineers in Peru. *The International Journal of Human Resource Management*, 22(15), 3146-3167.

Ely, R., & Padavic, I. (2007). A feminist analysis of organizational research on sex differences. *Academy of Management Review*, 32(4), 1121-1143.

Equalities Review Panel. (2007). *Fairness and Freedom: The Final Report of the Equalities Review*, Cabinet Office, London.

Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, ENADE. (2012). *Relatório Síntese do curso de Ciências Contábeis*. Recuperado em 05 fevereiro 2015 <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2012/2012_rel_ciencias_contabeis.pdf>.

Ferreira, C. (2013, out.) A Influência do Gênero na Contabilidade. In: *XIV Congresso Internacional de Contabilidade e Auditoria*, Lisboa.

Gammie, E., & Whiting, R. (2013). Women accountants: Is the grass greener outside the profession?. *The British Accounting Review*, 45(2), 83-98.

Gil, A. C. (1996). *Como elaborar uma monografia*. 3ª ed. São Paulo: Atlas.

Granovetter, M. (1978). 'Threshold Models of Collective Behavior', *American Journal of Sociology*, v. 83, n. 6, p. 1420-1443.

Haynes, K. (2008). (Re)figuring accounting and maternal bodies: The gendered embodiment of accounting professionals. *Accounting, Organizations and Society*, 33, 328-348.

Harding, S., & Norberg, K. (2014). New feminist approaches to social science methodologies: An introduction. *Signs*, 40(1).

Irigaray, H. A. R.; Vergara, S. C. (2009) Mulheres no ambiente de trabalho: abrindo o pacote "gênero". Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. São Paulo, SP, Brasil, 33.

Ittonen, K., Vähämaa, E., & Vähämaa, S. (2013). Female auditors and accruals quality. *Accounting Horizons*, 27(2), 205-228.

Kamila, R. (2012). Syrian women accountants' attitudes and experiences at work in the context of globalization. *Accounting, Organizations and Society*, 37, 188-205.

- Kanter, R. M. (1977). *Men and Women of the Corporation* (Basic Books, New York).
- Kanter, R. M. (1987). 'Men and Women of the Corporation Revisited', *Management Review* v. 76, n. 3, p. 14–16.
- Khalifa, R. & Kirkham, L. M. (2009). *Gender*. In: EDWARDS, J. R. & WALKER, S. P. (eds.) *Routledge Companion to Accounting History*. 433-450. Nova Iorque: Routledge.
- Lehman, C. (2012). We've come a long way! Maybe! Re-imagining gender and accounting. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 25, 256-294.
- Louro, G. L. (1996). *Nas Redes do Conceito de Gênero*. Gênero e Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lupu, I. (2012). Approved routes and alternative paths: The construction of women's careers in large accounting firms. Evidence from the French Big Four. *Critical Perspectives on Accounting*, 23(4), 351-369.
- Macias-Chapula, C. A. (1998). O papel da infometria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. *Ciência da Computação*, v. 27, n. 2, p.134-140.
- Matos, M. (2008). Teorias de gênero ou teorias e eorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Estudos Feministas*, 16(2), 333-357.
- Mota, E. R. C.F., & Souza, M. A. (2013). A evolução da mulher na contabilidade: os desafios da profissão. *Congresso Virtual Brasileiro - Administração*, v. 1, p. 1-16.
- Nações Unidas. (2007). *Relatório do Conselho Econômico e Social para 2007*.
- Nascimento, V. M. S. & Alves, F. J. (2014). Gênero e carreira: Um estudo de caso das percepções de Contadores Públicos. In: *XIV Congresso USP de Controladoria de Contabilidade, 2014*, São Paulo.
- Olesen, V. L. (2007). Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio. Denzin NK, Lincoln YS. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 219-257.
- Pedro, J. M. (2005). Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, 24(1), 77-98.
- Portal da Educação. (2014, jan.). Diferença Salarial entre Gêneros. Disponível em:<<http://www.portaleducacao.com.br/contabilidade/artigos/53520/diferenca-salarial-entre-generos>>. Reportado em: 10 fev. 2015.
- Del Priore, M. (2013). *Histórias e conversas de mulher*. Editora Planeta do Brasil.
- Ragins, B. R., & Winkel, D. E. (2011). Gender, emotion and power in work relationships. *Human Resource Management Review*, 21(4), 377-393.

Scott, J. (1986). Gender: A useful category of historical analysis. *American Historical Review*. No. 91.

Strey, M. N. (1998). *Gênero*. In: JACQUES, M. G. C. et. al. *Psicologia contemporânea*. Petrópolis: Vozes.

Thurlow, A., Mills, A. J., & Mills, J. H. (2006). Feminist qualitative research and workplace diversity. *Handbook of Workplace Diversity*.

Thomas, R., & Davies, A. (2005). What have the feminists done for us? Feminist theory and organizational resistance. *Organization*, 12(5), 711-740.

Fundo das Nações Unidas para a Infância, Unicef. (2011). *Promover a Igualdade de Gênero: uma abordagem baseada em equidade à programação*. Recuperado em 08 fevereiro 2015 <http://www.mz.one.un.org/por/O-Que-Fazemos/ODM-3-Promover-a-Igualdade-de-Genero>

Valcour, P. M., & Tolbert, P. (2003). Gender, family and career in the era of boundarylessness: determinants and effects of intra-and inter-organizational mobility. *International Journal of Human Resource Management*, 14(5), 768-787.

Weyer, B. (2007). Twenty years later: explaining the persistence of the glass ceiling for women leaders. *Women in Management Review*, 22(6), 482-496.